



**EDUCAÇÃO E GÊNERO: UMA DISCIPLINA COMPLEMENTAR DE
GRADUAÇÃO**

**EDUCACIÓN Y GÉNERO: UNA DISCIPLINA COMPLEMENTÁRIA DE
PREGRADO**

**EDUCATION AND GENDER: A COMPLEMENTARY COURSE OF
UNDERGRADUATION**

Márcia Eliane Leindcker da Paixão¹

Brunna Sordi Stock²

Caroline Silva da Silva³



RESUMO

Este artigo tem como foco o relato de experiência de uma DCG (Disciplina Complementar de Graduação) oferecida no Curso de Pedagogia Diurno, sendo aberta a toda comunidade estudantil da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A temática de Gênero ainda não faz parte do currículo da Pedagogia e de poucas licenciaturas. No entanto, o tema está presente no dia a dia da Universidade e no cotidiano das Escolas da Educação Básica. Por conta disso, oferecer uma disciplina que possibilite a reflexão deste tema em diálogo com a educação tem se mostrado um espaço rico de estudos, de conhecimentos e de novas práticas. A intenção, aqui, é partilhar esta experiência prática no contexto de graduação a partir da narrativa desta atividade educativa em diálogo com a teoria feminista. Também dialogamos com Marie-Christine Josso e Jorge Larrossa em relação ao conceito de experiência. A DCG é ofertada todos os semestres, portanto é uma experiência em andamento, mas que já tem uma história para contar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Gênero. Experiência.

¹ Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Mestra em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Acadêmica de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMEN

Este artículo tiene como foco el relato de experiencia de una DCG (Disciplina Complementaria de Pregrado, sigla em Português) ofrecida en el Curso de Pedagogía diurno, siendo abierta a toda la comunidad estudiantil de la Universidad Federal de Santa María/RS. La temática de Género aún no es parte del currículo de la Pedagogía y de pocas licenciaturas. Sin embargo, el tema está presente en el día a día de la Universidad y en el cotidiano de las Escuelas de la Educación Básica. Por eso, ofrecer una disciplina que posibilite la reflexión de este tema en diálogo con la educación se ha mostrado un espacio rico de estudios, de conocimientos y de nuevas prácticas. La intención, aquí, es compartir esta experiencia práctica en el contexto de pregrado a partir de la narrativa de esta actividad educativa en diálogo con la teoría feminista. Para esto, trago el concepto de experiência de Marie-Christine Josso y Jorge Larrossa. La DCG se ofrece todos los semestres, por lo tanto es una experiencia em progresso, pero que ya tiene una historia para contar.

PALABRAS CLAVE: Educación. Género. Experiencia.

ABSTRACT

This article focuses on the experience of a DCG (Complementary Course of Graduation, acronym in Portuguese) offered to Pedagogy degree, being open to the entire student community of the Federal University of Santa Maria/RS. Gender studies are not yet part of the Pedagogy curriculum and of other degrees focused in teacher formation. However, the theme is present in the daily life of the University and of the Basic Education schools. For this reason, offering a course that allows reflecting this topic with education has been a rich experience for study, develop knowledge and discuss new practices. The intention is to share this practical experience in the context of undergraduate programs from the narrative of this educational practice allied with feminist theory. Also, a dialogue about the concept of experience is made with Marie-Christine Josso and Jorge Larrossa. The DCG is offered every semester, so it is an ongoing experiment, but it already has a story to tell.

KEYWORDS: Education. Gender. Experience.

Introdução

Eram meados de 2012 quando cheguei à UFSM. Após longo período de greve do corpo docente por reivindicações de direitos e garantia de uma educação de qualidade e com recursos em todos os níveis, o segundo semestre iniciou em outubro de 2012. Como professora recém-chegada tudo era novo. Vim de uma experiência docente diferente desta que estava ingressando. Ao olhar a matriz do Curso e o Projeto Pedagógico da Pedagogia – no qual estou lotada - logo percebi que o debate sobre as questões de gênero eram raros no Centro de Educação. Minha caminhada no campo dos Estudos Feministas e Educação já vêm de longa data. Então, comecei a procurar as

parceiras feministas da UFSM. Encontrei colegas na Saúde, na Psicologia, na Educação, nas Ciências Sociais que faziam pesquisas sobre gênero. Tudo ainda era muito estanque. Acredito que ainda é necessário fazer mais “barulho” feminista no campus da UFSM de uma forma coletiva.

De lá para cá já avançamos em algumas coisas, entre os avanços destaca-se a criação da Comissão de Igualdade de Gênero (setembro 2017) que tem a tarefa de elaborar a Política de Igualdade de Gênero na UFSM. Sem dúvida, esse movimento é fruto de muitas mãos, em diversos lugares, que buscam por relações justas e igualitárias na Universidade. A construção da Política está em andamento e imagina-se que em 2019 possa ser implementada na UFSM.

Após essa mirada no contexto educativo do Centro onde estou e do Curso onde estou, percebi que era necessário que futuras professoras e professores se achegassem ao tema Educação e Gênero e que os vinculassem os demais conteúdos estudados. Foi assim que um desejo se anunciou e submeti ao Curso a possibilidade de oferecer uma DCG com esta temática. Após o aval da Coordenação do Curso, a ideia criou corpo e começou a ser ofertada no Centro de Educação a partir de agosto de 2013.

A proposta da DCG Educação e Gênero

Em nossa Universidade as disciplinas do Currículo são obrigatórias ou eletivas. As Disciplinas Complementares de Graduação (DCGs) são eletivas, isto é, cada estudante escolhe qual deseja cursar. Os Cursos aprovam as DCGs e estas são ofertadas com carga horária de 30h e com temáticas diversas. É uma das formas de promover a autonomia do currículo tendo diferentes ofertas para a comunidade estudantil de toda universidade.

Sabe-se que a teoria feminista e as produções em diversos campos a respeito da constituição histórica dos papéis de gênero têm denunciado o patriarcado existente nas ciências. Fazer a discussão da temática de gênero no campo da educação é necessário para pensar a docência e a sua prática, no intuito de iniciar já na Educação Infantil uma educação que não seja sexista. Nesse sentido, os Estudos Feministas contribuem para problematizar o campo da educação em geral, e a escola em específico.

Tendo isso em mente, os objetivos da DCG ficaram assim constituídos:

Discutir as principais teorias feministas e teorias de gênero, em diálogo com diversos temas educativos, sociais, culturais e éticos com abordagens a partir da epistemologia e da hermenêutica, com ênfase aos eixos dos estudos de Gênero, corporeidade e cotidiano; aprofundar a reflexão das relações de gênero no campo educativo.

A oferta da DCG acontece desde 2013 e as turmas são heterogêneas. Há estudantes de Pedagogia, Educação Especial, Terapia Ocupacional, Educação Física, Ciências Sociais, História que se inscrevem para cursar a DCG. A média das turmas tem sido em torno de 20 estudantes. Em sua maioria mulheres, pertencentes aos primeiros semestres dos cursos. Até agora somente 4 (quatro) homens fizeram a DCG.

Inicialmente, as turmas mostravam pouquíssimo conhecimento acerca do tema e não se perguntavam sobre o debate desta temática na educação. Por outro lado, ao aprofundarmos as leituras e os diálogos, davam-se conta de que gênero, classe e etnia estavam presentes em seus cotidianos, nas escolas e na universidade. À medida que iam se apropriando das leituras e dos conceitos começavam a dar-se conta da violência a que as mulheres estão expostas, do patriarcado presente nas relações, do sexismo nas escolas de Educação Infantil, do machismo instituído socialmente.

De 2016 para cá, percebe-se uma evolução acerca dos conhecimentos feministas. O tema está mais presente no cotidiano, eventos acadêmicos e sociais têm proporcionado mais acesso ao conhecimento, as redes sociais (abertas e fechadas) são um forte aliado das mulheres, tanto em nível de articulação quanto em espaços solidários de partilhas e de acolhimentos, há mais professoras feministas nas universidades que têm trazido esse tema para as aulas, para os grupos de pesquisa e para os eventos. Esse conjunto de ações locais e globais tem dado visibilidade à temática de gênero em todos os níveis. Há também muitos grupos organizados (coletivos de mulheres negras, LGBT, de trabalho e renda) tanto na sociedade civil quanto nas universidades e isso faz com que os diferentes matizes desse amplo campo Gênero ganhem espaço político e amplie o debate acerca da Igualdade de Gênero.

Nesses últimos dois anos a configuração das turmas se modificou. As estudantes já chegam com mais informações e o debate feminista tem se ampliado. Isso é motivo de alegria, pois é sinal de avanço, de conquistas e de resistências de mulheres e de homens que se ocupam em construir relações justas, saudáveis e igualitárias na vida em sociedade.

Para atender a proposta da DCG utilizo as experiências cotidianas da turma para dialogar com o conteúdo proposto: músicas, vídeos, documentários e filmes são recursos metodológicos utilizados para abordar a temática contribuindo para a análise crítica dos imaginários de gênero presentes nessas mídias. A experiência é um elemento importante do feminismo, e por isso ela se faz presente durante as aulas. Marie-Christine Josso nos diz que a construção da experiência passa por três modalidades:

TER EXPERIÊNCIA: viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado.

FAZER EXPERIÊNCIA: são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprias provocamos, somos nós mesmas que criamos, de propósito, as situações para fazer experiência.

PENSAR SOBRE AS EXPERIÊNCIAS: tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (1), quanto aquelas que nós mesmas criamos (2) (Josso, 2004, p.51)

Jorge Larrosa destaca a capacidade transformadora da experiência

[...] outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação (LARROSA, 2004, p. 163).

Dessa forma, oportunizar a reflexão crítica a partir das vivências tem sido um elemento formador para o grupo de estudantes. O debate teórico em diálogo com as experiências tem se mostrado elemento-chave no processo formador dessas estudantes.

E as construções sociais?

A historiadora Joan Scott (1990) afirmou que gênero é uma construção histórica e social e que essa construção define o papel social de homens e de mulheres na vida em sociedade. Os estudos feministas têm dito que estas construções históricas se constituem como opressão e dominação das mulheres. Estas construções naturalizam os lugares das mulheres como menores, inferiores e, como afirma Simone de Beauvoir (2016), são o segundo sexo, o “outro”, hierarquicamente subalterna ao homem.

Parece que isso não é verdade quando olhamos a sociedade atual, pois as mulheres conquistaram o mundo do trabalho, estão nas universidades, tem maior participação política etc. Evidente que numa escala numérica menor do que os homens, mas estão lá. Isso maquia o real no que diz respeito à igualdade de gênero.

Quando pergunto para as turmas sobre o que aprenderam sobre ser mulher e ser homem ao longo da vida, fica evidente a naturalização da subalternidade das mulheres ainda nos dias de hoje. Diferentes turmas, de diferentes lugares, com diferentes idades (maioria entre 19-25 anos) repetem o mesmo mantra que está lá no fundo das aprendizagens que as famílias e a sociedade têm acerca dos lugares e papéis das mulheres e que ensinam às futuras gerações. E as respostas são as seguintes:

O que cabe às mulheres: delicadeza, ser bem educada, ter bons modos, ser dócil, amiga, boa esposa, boa mãe, cuidar da casa, dos filhos e do marido, ser amorosa, responsável, ser vaidosa, não podem andar com muitos homens, não podem ficar até muito tarde na rua, cuidar dos afazeres domésticos.

O que cabe aos homens: podem fazer tudo o que querem, podem ficar na rua, são bagunceiros, não precisam fazer os afazeres domésticos, são fortes, não podem demonstrar sentimentos em público, podem ter várias parceiras, brincam de carrinho, são inteligentes.

Esses são alguns dos “achados” que aparecem com muita frequência nos escritos das turmas destas jovens mulheres quando iniciamos o diálogo acerca das questões de gênero. É uma contradição em relação ao que as mulheres querem e desejam para si na sociedade patriarcal. Esses ensinamentos permanecem e são ensinados de geração em geração de uma forma natural. Nas escolas de Educação Infantil percebe-se o quão é natural o sexismo: bonecas, casinha, cor de rosa, histórias de princesas ainda pertencem ao universo das meninas. Os meninos jogam bola, se sujam nas brincadeiras, não podem chorar, precisam ser fortes e não podem se parecer com as meninas.

Esses relatos são bem reais no cotidiano das escolas. Há exceções? Sim, temos exemplos de professoras que se dedicam em proporcionar uma educação não sexista e de famílias que se ocupam com uma educação na perspectiva cidadã e da igualdade de gênero, ensinando as meninas que são sujeitos de direitos e a serem livres, capazes de fazer suas escolhas. Falar sobre gênero no campo social e educativo ainda se configura um tabu. Discursos como: educação sexual é questão do âmbito privado e tarefa da família, pode promover crise de identidade nos e nas jovens, pode afetar a integridade moral e intelectual das e dos jovens, gênero quer moralizar... Essas questões têm

causado lentidão no debate acerca da liberdade e da igualdade de gênero em todos os níveis

Percebe-se, então, que o debate de tudo que está incluído na temática gênero merece formação, desconstrução e reconstrução conceitual. A categoria gênero torna-se assim, uma ferramenta além de analítica também política.

Encerrando sem terminar

A reflexão acerca deste tema não termina aqui. Apenas são lançadas algumas considerações que possam contribuir para a reconstrução conceitual. As turmas aqui da Região de Santa Maria/RS têm apontado que as denúncias já feitas pelo movimento feminista acerca da opressão do patriarcado existente no meio social e a necessidade de superação da opressão ainda continua atual. Constata-se que as aprendizagens ensinadas às mulheres ainda indicam uma educação misógina e androcêntrica. Os papéis e lugares das mulheres ainda são restritos, suas reivindicações ainda são consideradas MIMIMI. Caso tenham sofrido assédio, ainda escutam que deram “mole” e agora querem ser vítimas. Além disso, ouve-se que as questões de gênero não fazem mais sentido ser debatidos, pois as mulheres já estão no mundo do trabalho. Essas são algumas questões apontadas pelas mulheres e que ainda se fazem presentes no espaço acadêmico nos dias de hoje.

Analisando o desenvolvimento da DCG Educação e Gênero desde 2013, pude observar que, apesar dos avanços em termos de igualdade de direitos na sociedade e de haver maior acesso a discussões de gênero, ainda as e os estudantes mostram experiências que reforçam estereótipos de gênero. Tal diagnóstico corrobora a importância da existência dessa disciplina no contexto da UFSM como espaço para a reflexão do nosso papel enquanto docentes a fim de construir de uma educação baseada nos direitos humanos, justa e igualitária.

É importante salientar que gênero faz parte da ementa de alguns cursos das áreas humanas, mas é totalmente esquecido nas licenciaturas das áreas exatas. Essa configuração mostra como esse tema ainda é visto como compromisso de parte dos docentes em formação, e não como projeto de educação a ser desenvolvido. Nesse sentido, a Resolução n. 2 de 2015, que coloca gênero como temática obrigatória de todas as licenciaturas, dá suporte para a reformulação dos cursos e uma ideia de compromisso de todos e todas para a construção de uma escola não sexista e igualitária.

Espero que políticas como essa reafirmem a importância da discussão de gênero na educação, fazendo que experiências de ensino e aprendizagem como esta DCG não sejam casos isolados no Ensino Superior brasileiro.

Há nuances específicas na grande categoria Mulher e que se faz necessário ouvir e conhecer para poder se colocar no lugar e reconhecer as semelhanças e diferenças de cada grupo. Gênero ainda é uma discussão periférica no campo acadêmico e considerado tema transversal. Ser feminista e assumir-se nesse lugar na academia ainda é considerado algo transgressor e muitas mulheres não querem receber esse “rótulo”. Pesquisadora dos temas de gênero é mais palatável e mais aceitável. No entanto, precisamos superar os modelos masculinos que se fazem presentes no modo de ser das universidades e na ciência. Ao ouvirmos que as questões das mulheres são MIMIMI isso reafirma a ideia de subalternidade e de desqualificação das mulheres. Então, podemos transformar aquilo que tem desqualificado as mulheres num instrumento de resistência e potência. A partir da tríade Gênero, Classe e Etnia, pode-se dizer que MI (misoginia) MI (miséria) MI (miscigenação) se transforma em processo (trans)formador.

Nesse sentido, ainda há a necessidade de termos o debate de gênero no currículo dos cursos de nossas universidades. A Resolução 2/2015 abre essa oportunidade para as Licenciaturas, mas seria um avanço ainda maior se pudesse se fazer presente nas demais áreas do conhecimento.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 3 ed. vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Revista Educação e Realidade, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

Recebido em outubro de 2018.

Aprovado em junho de 2019.